

A cultura do estupro: análise sobre o processo de normalização/naturalização da violência sexual contra a mulher

Amanda Rossito Bernardino

amandarossitober@gmail.com

Ciência sociais e Aplicadas; prof. Ms. João Henrique dos Santos

Resumo

O presente artigo apresenta a cultura do estupro como um dos maiores problemas sociais que enfrentamos diariamente e a violência contra a mulher como a violação dos direitos humanos mais tolerada no mundo. A conscientização acerca de sua existência é o primeiro passo para combater esse problema causador de muito sofrimento na vida de todas as mulheres. Aborda também o machismo como a semente da cultura do estupro e que o mal deve ser cortado pela raiz, que a educação das crianças deve ser diferente, abolindo o machismo e a hierarquia entre os gêneros. Este estudo utilizará de revisão bibliográfica sobre a temática cultura do estupro, violência contra a mulher e desigualdade de gênero; estatísticas de casos de violência registrados; repercussão na imprensa e a legislação dos direitos das mulheres.

Palavras chave

Cultura do estupro. Machismo. Gênero. Hierarquia. Social.

Abstract

This article presents the culture of rape as one of the biggest social problems we face daily and violence against women as the most tolerated violation of human rights in the world. Awareness of their existence is the first step in combating this problem that causes so much suffering in the lives of all women. It also addresses chauvinism as the seed of rape culture and that evil must be cut off at the root, that the education of children must be different, abolishing chauvinism and hierarchy between genders. This study will use a bibliographical review on the culture of rape, violence

against women and gender inequality; statistics of reported cases of violence; repercussions on the press and women's rights legislation.

Key words

Culture of rape. Chauvism. Gender. Hierarchy. Social.

Introdução

Atualmente o número de estupros está aumentando. A cultura do estupro se trata da naturalização de atos machistas praticados cotidianamente e da responsabilização das vítimas. A luta dos movimentos feministas pelo fim dessa cultura, tem causado diversas discussões sobre o assunto e o surgimento de opiniões divergentes devido a difícil percepção de um problema social cuja aceitação está arraigada na sociedade por diversas razões como, tradições, costumes e religião.

O machismo está tão presente no nosso cotidiano que temos dificuldade em detectá-lo. O fato de as mulheres receberem menores salários que os homens mesmo quando desempenham a mesma função, é um dos exemplos mais comuns com que nos deparamos. O medo de ficar sozinha na rua a noite, de ir a festas com determinadas roupas, de desagradar o companheiro e ser castigada, de ser “educada de mais” com algum colega de trabalho ou mesmo de ser interpretada de maneira errada; constituem exemplos de situações que fazem parte do cotidiano apenas das mulheres.

A restrição da liberdade da mulher pelo medo de ser estuprada, violentada, ou até mesmo morta pelo simples fato de sua condição feminina, é a exata definição prática de cultura do estupro. Ou seja, a aceitação e a normalização da prática do estupro numa sociedade torna-se um fenômeno grave e que precisa ser investigado.

O estupro e o assédio (sexual ou moral) cometidos contra a mulher, são os únicos crimes em que a vítima sempre é encarada com extrema suspeição pela sociedade. Há uma espécie de culpabilização da mulher. “Mas ela estava de saia curta”, “mas ela estava indo para uma festa”, “mas ela não deveria andar sozinha a noite”, “mas com essa roupa ela estava pedindo”, “mas ela estava provocando”- nenhum argumento deve, em nenhuma instância, normalizar ou justificar atos bárbaros e criminosos como o estupro.

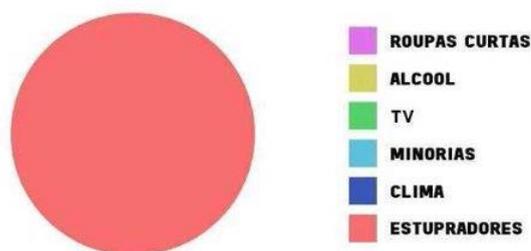
No entanto, é preciso conhecer os mecanismos em que se processa esta violência e quais as formas de atuação em termos de controle social.

Problematização

De acordo com o artigo 213 do Código Penal brasileiro, o crime de estupro consiste no fato de o agente “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”. Portanto entende-se que o crime de estupro pode ser praticado por meio de conjunção carnal (penetração) ou de qualquer ato libidinoso. Apesar de a lei não definir esse, considera-se estupro qualquer ato que venha a ferir a liberdade sexual de alguém e para isso, não é necessário sequer o contato físico entre autor e vítima.

O crime de estupro, porém, é apenas o ápice da cultura do estupro. Dizer que determinada sociedade vive uma cultura do estupro, não significa dizer que essa incentiva ou permite o crime de estupro, pois é uma cultura cujo termo foi criado e é utilizado para abordar as maneiras em que a sociedade culpa as vítimas de assédio sexual e normaliza o comportamento sexual violento dos homens. Ou seja, quando, em uma sociedade, a violência sexual é normalizada por meio da culpabilização da vítima, isso significa que existe uma cultura do estupro.

CAUSAS DE ESTUPRO



O termo “cultura do estupro” começou a ser usado durante os anos 70, por ativistas da segunda onda do feminismo; e foi aplicado à cultura estadunidense contemporânea como um todo. As feministas da segunda onda lutaram pela conscientização do público quanto à importância do fim da prevalência do estupro na

sociedade, pois era muito comum na cultura americana essa manifestação extrema da misoginia e do sexismo, além da constante culpabilização das vítimas.

Na mitologia greco-romana o estupro é uma constante em narrativas sobre deuses e heróis que o cometiam, as quais estão dentro de um contexto patriarcal em que o desejo masculino se sobrepõe ao desejo feminino. Quanto mais patriarcal a sociedade, mais a cultura do estupro será relevada e legitimada, aqui portanto, constitui-se numa das chaves para o início da compreensão desta violência na sociedade brasileira.

A liberdade sexual para viver como bem entendemos é algo necessário para que sejamos autônomos e iguais. Infelizmente a desigualdade ainda predomina entre os gêneros. Para a plena liberdade sexual da mulher, ainda há um longo caminho a ser percorrido. É perfeitamente comum um homem expor seus desejos sexuais em uma roda de amigos, por exemplo, afinal o homem foi criado como um ser que precisa de sexo, que “perde a cabeça” por sexo, que se torna irracional quando o assunto é sexo. Em contrapartida, se uma mulher, criada para buscar a delicadeza e a perfeição, se expuser dessa maneira, será automaticamente julgada como oferecida, fácil, promíscua, não é considerada uma mulher “direita”. Com isso as mulheres acabam se reprimindo e punindo moralmente.

O machismo é a semente que faz nascer a cultura do estupro e, apesar do nome, está longe de ser exclusividade dos homens. Atos e julgamentos machistas são, muitas vezes, praticados também por mulheres.

Esse problema social é uma grave consequência da naturalização de atos e comportamentos machistas que estimulam agressões sexuais e outras formas de violência contra as mulheres, podendo ser manifestados através de cantadas na rua, piadas sexistas, ameaças, assédio moral ou sexual, estupro e feminicídio. A violência contra a mulher desconhece qualquer fronteira: de classe social, de tipo de cultura, de grau de desenvolvimento econômico; pode ocorrer em qualquer lugar (espaço público ou privado), pode ocorrer em qualquer etapa da vida e pode vir de estranhos, de parentes, amigos e, na maioria das vezes, do próprio companheiro.

Nas questões relacionadas à sexualidade, os preceitos e estereótipos sociais, são condicionantes da desigualdade de gênero e tornam-se ainda mais significativos pois é nesse âmbito que homens e mulheres se dividem em classe dominante e classe dominada. O peso da tradição e costumes, da religião, da discriminação, faz com que

ocorra um enquadramento da mulher na moldura de comportamentos e atitudes que a sociedade lhe atribui. A discriminação de gênero se reproduz acriticamente nos campos social, jurídico, político, econômico e cultural.

A adoção de medidas de conscientização sobre o problema, se faz necessária principalmente na área da educação, para modificar os hábitos de condutas sociais e culturais da mulher e do homem, e eliminar os preconceitos e as práticas consuetudinárias baseadas na ideia de inferioridade ou superioridade de qualquer dos sexos.

A cultura do estupro está nos lares, nas ruas, nas revistas, na TV, nos filmes, na linguagem, na publicidade, nas leis e por isso, todas as esferas da sociedade devem ser mobilizadas para essa transformação.

A violência contra a mulher, além de ser um crime, é a violação dos direitos humanos mais tolerada do mundo. Como se não bastasse terem que lidar com o trauma sofrido, se encontram em uma situação extremamente complicada pois sabem que se optarem por denunciar a violência, terão que comprovar que de alguma forma não provocaram o ato ou se estão falando a verdade sobre a existência dele. Uma em cada três mulheres em todo o mundo sofreu violência física ou sexual, na grande maioria vítimas do próprio parceiro. Não há dúvidas de que devemos enfrentar esse problema com extrema urgência, mas como?

Adotar e aplicar as leis pertinentes e revisá-las periodicamente, com a finalidade de assegurar sua eficácia para eliminar a violência contra a mulher, enfatizando a prevenção e a perseguição dos infratores. Promover o acesso à justiça criando mecanismos institucionais, ou reforçando os já existentes, como delegacias especializadas no atendimento à mulher, a fim de que as mulheres e meninas possam denunciar os atos de violência sofridos e registrar ocorrências a respeito, em condições de segurança e sem temor de castigo ou represálias.

O estupro é uma forma de violência sexual, física e psicológica, praticada dentro e/ou fora do âmbito doméstico-familiar, por isso é importante instaurar, desenvolver e financiar uma melhor formação de pessoal judicial, legal, médico, social, educacional e de polícia, com o fim de evitar abusos de poder conducentes à violência contra a mulher, e sensibilizar tais pessoas quanto à natureza desses atos e ameaças baseados na diferença de gênero, de forma a assegurar tratamento justo às vítimas de violência.

Considerações finais

No âmbito nacional, a cada 11 minutos uma mulher é vítima de estupro. Esse número, porém, que contabiliza os casos que são levados à polícia, corresponde a apenas 10% dos dados compilados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

A falta de acolhimento num atendimento impregnado a cultura da culpabilização das vítimas, afasta as mulheres da Justiça, fazendo com que a maior parte das denúncias não sejam sequer realizadas.

Apenas 1% dos casos de violência doméstica chegam a uma condenação, muitos não são notificados e, dos notificados na polícia, alguns são arquivados e outros não geram inquérito policial. A situação é agravada ainda mais quando vemos que a maior porcentagem das mulheres vítimas de violência doméstica são negras, jovens e pobres; que, na maioria das vezes, por possuírem baixa renda e baixa escolaridade, se calam diante das agressões sofridas devido a falta de oportunidade para contratar bons advogados, para garantir segurança contra novas agressões e para sair de casa com os filhos em busca de proteção.

Porém, quando vão à delegacia para registrar a violência sofrida e fazer um boletim de ocorrência, as mulheres são aconselhadas a voltar para casa e pensar melhor no assunto, o que, na maioria das vezes, acaba desestimulando as vítimas a denunciarem.

De acordo com as estatísticas de violência contra a mulher realizadas pela Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, do mês de janeiro a outubro desse ano, foram registradas em todo estado ocorrências de: 77 casos de feminicídios consumados e 247 tentativas; 43.165 casos de lesão corporal; 370 estupros consumados, 25 tentativas e 350 estupros de vulnerável; e 49.404 casos de ameaça.

Uma pesquisa realizada pelo Sistema de Indicadores de percepção social (IPEA), sobre a tolerância social à violência contra as mulheres, entrevistou cerca de 5.000 pessoas em todas as unidades da federação durante os meses de 2013, sendo que as próprias mulheres representam 60% do universo de entrevistados.

O estudo foi divulgado após a ocorrência de casos de violência em transporte público em São Paulo, os entrevistados foram questionados se concordavam ou não com frases

sobre o tema. E os resultados foram entristecedores, nada menos que 65% concordam que a mulher que usa roupa que mostra o corpo merece ser atacada: 42,7% concordam totalmente e 22,4%, parcialmente. Em relação à frase “se as mulheres soubessem se comportar, haveria menos estupros”, 35,3% disseram estar totalmente de acordo e 25,2% afirmam concordar parcialmente.

"Por trás da afirmação, está a noção de que os homens não conseguem controlar seus apetites sexuais; então, as mulheres, que os provocam, é que deveriam saber se comportar, e não os estupradores", afirmam os pesquisadores no relatório do estudo.

Tolerância à violência contra as mulheres

Maioria dos entrevistados culpa mulheres por estupros

Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas (em %)



Se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros (em %)



*Pesquisa realizada entre maio e junho de 2013 em todo o Brasil
Fonte: Ipea/SIPS Tolerância social à violência contra as mulheres

Portanto, a cultura do estupro existe e é visível, ainda que alguns relutem em admitir isso. Além de ser um problema social universal que coloca em atraso o desenvolvimento humano, é um problema que mata inúmeras mulheres diariamente e coloca em risco seus direitos à dignidade, à liberdade, à igualdade, à vida.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2009.

DINIZ, Débora. **Estudos sobre violência sexual**. Brasília: Editora UnB, 2005.

FAYET, Fabio Agne. **O delito do estupro**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2011.

Pimentel. S; Schritzmeyer. A. P; Pandjjarjian. V. **Estupro Crime ou “Cortesia”?** *safe*, 1998

Pinheiro. P. S; Almeida. G. A. **Violência Urbana**. São Paulo. PubliFolha, 2003

Medeiros. L. “Como assim, cultura do estupro?” disponível em: www.politize.com.br

Ferreira. R. A. “As origens do termo cultura do estupro” disponível em:
www.jornal.usp.br

“Por que falamos de cultura do estupro” disponível em: www.nacoesunidas.org

Burigo. J. “A cultura do estupro” disponível em: www.cartacapital.com.br

Dados da Secretaria de Estado de Segurança Pública, disponível em: www.ssp.sp.gov.br

Ministério da Justiça e Cidadania: www.justica.gov.br

Instituto da mulher negra: www.geledes.org.br

“Combate à cultura do estupro vai além de punições penais”: www.oab.org.br

VIGARELLO, Georges. **História do Estupro**. São Paulo: Editora Jorge Zahar, 1998.